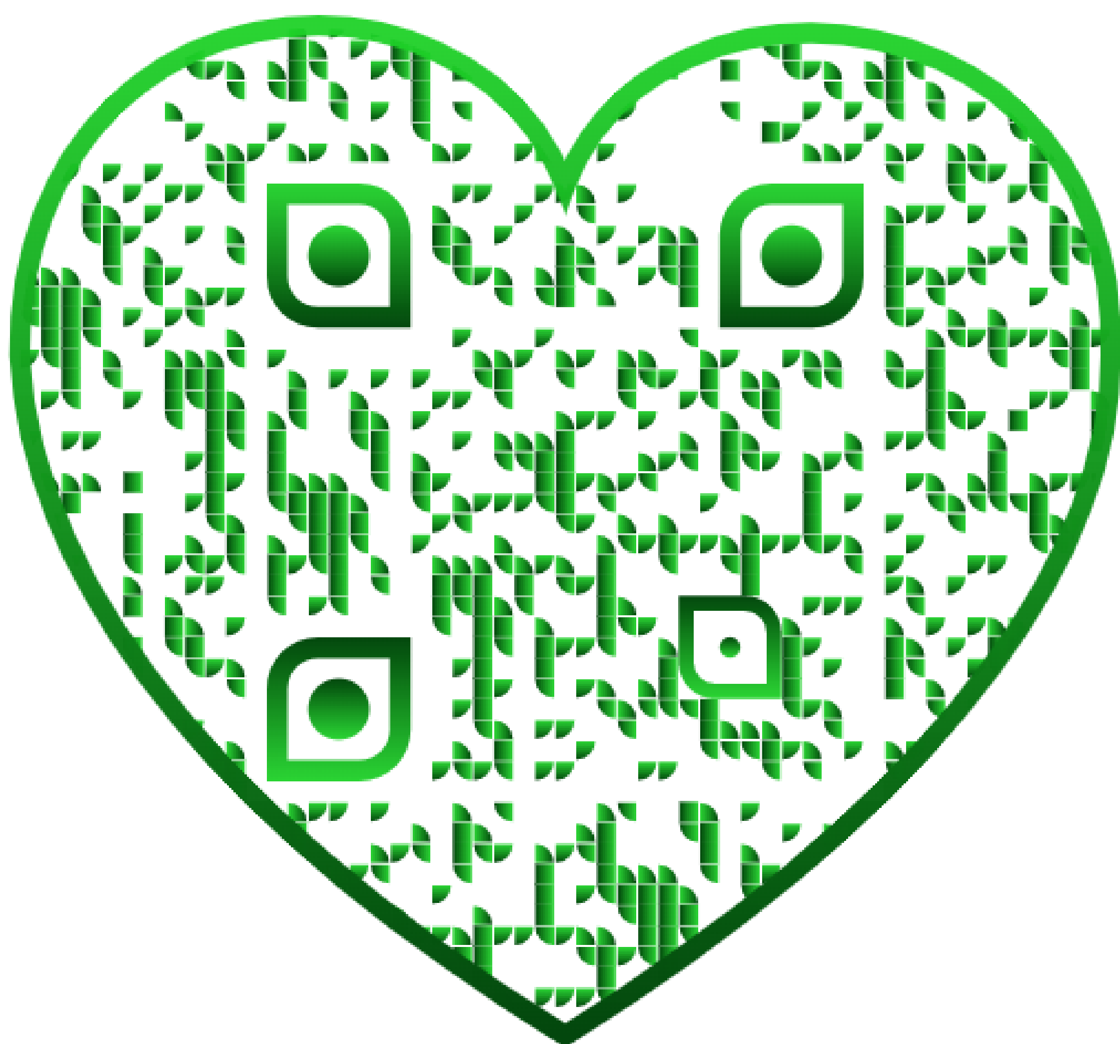
VITOR SILOS

MORTE ESCRITA



MORTE ESCRITA

Por Vitor Silos

Copyright © 2020 Vitor Silos.
Todos os direitos reservados.
É proibida a distribuição ou reprodução, total ou parcial, de qualquer parte desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, mecânico ou eletrônico, sem o consentimento por escrito das autoras. Registros de Direitos Autorais pela Biblioteca Nacional.
Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas ou acontecimentos é apenas coincidência.
Capa: Patrick Correa
Preparação de texto: Mari Vieira
Revisão de texto: Angelica Alves

Este romance segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

Sinopse

Escrever nunca é fácil, imagina se tornar um Escritor de sucesso. Isso é o que Rennier conseguiu com suas histórias regadas com muito sangue.

Ele tem uma legião de fãs, muitas mulheres aos seus pés, mas até quando esse sucesso vai durar?

Será que a vida imita a arte?

“Com uma escrita que mistura a realidade de um escritor e o sentimento de um leitor, Vitor nos insere no universo criativo de um escritor de sucesso, nesse conto o X da questão é; a realidade virou fantasia ou a fantasia virou realidade?” — Saulo Silos

“Em “Morte Escrita” nos envolvemos em uma trama breve e sanguinolenta sobre psicopatia. Ao alternar a escrita entre a sua e a do personagem (uma escrita dentro da outra, já que o protagonista é um escritor) Vitor consegue transformar uma realidade indigesta em suposta ficção, levando ainda a descobrirmos que a escrita do protagonista esconde muitos segredos, alguns cheios de uma realidade cruel e brutal.” — Patrick Correa, Autor de “O Rosemberg”

Dedico este conto para Luciana, Valentina e Cristina,
as mulheres da minha vida.



— Por favor, Estevão, eu imploro… — Com o corpo lavado de seu próprio sangue, Mari usa o último fio de esperança para implorar por sua vida.

Estevão assemelha-se a um animal: os olhos estão esbugalhados, uma tenebrosa veia saltava de sua testa, a boca carregava um macabro sorriso e as mãos seguravam um machado sujo de sangue.

— Eu confiei em você, Mari, e você me traiu, sua vagabunda. Você me traiu na frente de todos! Eu sempre te dei tudo do bom e do melhor, te tratei como uma rainha, e é assim que você me paga? — ele fala com a calma de um predador perante sua vítima.

— Você está fora de si, fica calmo, por favor! Será que não consegue ver o que você está fazendo? Acabou de matar o Marcelo, você está louco — ela insiste, ainda sem acreditar no que está acontecendo.

Estevão se entregou à insanidade assim que viu Mari e Marcelo juntos, sua esposa, a sua ruiva, e o seu sócio. Ele vinha estranhando a proximidade dos dois. Por mais que já se conhecessem há anos — na verdade, há mais de dez anos — ele vinha reparando que eles andavam estranhamente próximos.

Ele já havia encontrado mensagens no celular da esposa enviadas por Marcelo, aparentemente marcando um encontro com ela, tinha até percebido olhares furtivos dos dois em jantares de fim de semana. Não era de seu feitio deixar passar isso tudo, que era muito mais do que meras intuições, muito menos deixar passar o encontro dos dois em sua próprio lar. Por isso, quando entrou em casa e viu sua esposa e seu sócio

sentados no sofá, não viu outra alternativa que não fosse matá-los.

O primeiro a morrer foi o seu "amigo", e logo a sua esposa iria acompanhar o amante para os confins do inferno.

— Eu não estou louco não, minha querida esposa, estou somente reagindo à sua traição. Você me traiu com o Marcelo; matar vocês dois é a minha única alternativa.

— Não! Não é nada disso que você está pensando! Eu não estou tendo um caso com o Marcelo, seu psicopata! Ele estava aqui por outro motivo.

Caída no chão, Mari se arrasta pelo tapete da sala para longe de Estevão, enquanto tenta esconder alguns papéis.

— Ainda por cima, está me chamando de idiota, Mari? E o que tem nesses papéis que você está segurando aí atrás?

Nesse momento, Estevão começa a se encaminhar para próximo dela, que logo entra em um desespero ainda maior, pois ele não podia ter acesso ao que ela tanto tentava esconder. Aqueles papéis, caso fossem descobertos ali, ainda mais naquela situação, com certeza seriam sua condenação à morte.

Estevão, agora sem paciência, empurrou a mulher para o lado com violência e pegou os papéis que ela tanto escondia.

— Que merda é essa? Onde você achou isso? — esbravejava ele.

— Você, além de psicopata é um ladrão! O traidor aqui é você! — gritou ela, agora esvaindo-se da pouca esperança de sair viva dali.

Há dois meses, Marcelo descobriu que Estevão, seu sócio e amigo, estava lhe roubando. Ele percebeu que muito dinheiro da conta da empresa estava sumindo e começou a averiguar. Foi um baque quando descobriu que aquilo realmente estava acontecendo ao encontrar escondido na sala do sócio uma papelada que continha apólices, seguros, contratos e outros tipos de documentos fraudados.

Como o casamento de Estevão e Mari vinha extremamente mal das pernas, inclusive com Mari sofrendo até certos tipos de violência por parte do marido, ela havia procurado Marcelo

para desabafar, e eis que no final acabaram se tornando cúmplices em um plano de entregar Estevão à polícia. Não existia atração física, não existiu traição. Marcelo e Mari estavam se ajudando e, sem saberem, condenando-se à morte.

— Quer dizer que vocês descobriram isso tudo? Sozinhos? Estavam planejando fazer o quê? — ele perguntou, com o sorriso sarcástico, quase rasgando a cara.

— Vá para o inferno, Estevão! Espero que você apodreça na cadeia, seu desgraçado!

— Amor, amor… Sempre tola… Para o inferno você vai agora, e espero que encontre seu namoradinho.

Assim que terminou de falar, Estevão desferiu um golpe fatal na sua esposa, rachando o crânio de Mari e deixando sangue e pedaços de seu cérebro espalhados por todo lugar.

FIM

***

— Finalmente o rascunho está pronto — disse Rennier, levantando-se e colocando mais uma dose de *whisky* no copo. Já aos soluços embriagados, ele começou seu ritual pós-história nova: bebedeira, um tiro de cocaína e uma ligação para seu redator.

— Fala, seu *filho da puta* — falou, exaltado.

— Puta que pariu, tá louco né?! Renni, já tem aquele rascunho da história nova? Como são duas horas da madrugada e você está me ligando completamente chapado, acredito que tenha — indagou Otávio, o redator e amigo de um dos escritores mais famosos e best-seller da geração, Rennier Castro. — *Deixa eu te perguntar antes que você caia desmaiado, não matou a protagonista não, né?!*

— Não começa com essa *merda* não, o *caralho* do livro é meu e eu faço… — Antes de terminar o sermão no amigo, caiu na cama direto para o além, como de costume; passaria agora no mínimo doze horas dormindo.

Sempre após o ritual do combo *whisky* + *coca*, Rennier sentia-se extremamente mal, e não era para menos. Ele já não era nenhum garoto, muito pelo contrário, já tinha cinquenta e dois anos de vida muito bem vividos, obrigado.

Rennier foi uma criança prodígio que se transformou em um adulto extremamente talentoso, mas de difícil convivência.

Sua primeira história foi escrita, ou melhor, ditada para a mãe, quando ainda tinha cinco anos, e desde essa época ele já se encaminhava para as sombras. Histórias com bastante sangue, como sua mãe falava. “Não sei como pode ser tão novo e gostar dessas coisas, só o Rennizinho mesmo”, dizia orgulhosa, sempre que o filho inventava uma história nova.

O pior, ou melhor, era que o *cara* era bom no que fazia. Ainda criança, despertou o interesse de uma editora local e conseguiu ter seu primeiro livro publicado. Foi uma tiragem pequena, mas que logo se esgotou e despertou ainda mais o interesse no meio editorial. De lá para a fama foi rápido, mas não fácil.

A cada novo sucesso, ele se entregava mais e mais ao vício. Começou com o “inofensivo” álcool. Da cerveja pulou para a vodca, que pulou para o *whisky*, experimentou a maconha e, quando viu, já estava jogado no chão deitado sobre a poça do próprio vômito e o nariz branco de tanta cocaína.

Ossos do ofício, ele dizia. Vai entender a vida de escritor…

Assim que acordou, Rennier foi logo para a cozinha onde provavelmente estaria Marilda com um café quentinho o esperando.

Marilda trabalhava para ele no mínimo há 10 anos, e ela sabia toda a rotina do patrão de cabeça. Sempre que entrava no seu quarto para limpar e

ele estava jogado na cama de roupa, ou muitas vezes sem, garrafas de bebidas espalhadas e um estranho pó branco na mesa, ela sabia que não deveria incomodar o sono do patrão. Era melhor fazer logo um café, para quando acordasse.

— Bom dia, seu Renni, a noite deve ter sido boa, hein… — disse a mulher, sarcasticamente.

— Meu docinho, não acordei ainda; minha cabeça vai explodir a qualquer momento, tenho certeza! — ele se queixou, sentando-se na bancada da cozinha, e aguardando o café preto e forte que só Marilda sabia fazer.

O dia passou lento para ele, que se sentia mais morto do que vivo. Morava numa grande casa afastada do centro da cidade de Teresópolis, uma aconchegante cidade serrana a setenta e cinco quilômetros da capital fluminense. Lá, no meio do mato, o Escritor colocava todos os seus demônios no papel.

— Marilda, estou com uma história nova — orgulhou-se.

— Aí, seu Renni, o senhor não se cansa de matar os outros não? — indagou a senhora, enquanto deixava a cozinha brilhando de tão limpa, do jeito que o escritor gostava.

Com uma piscada de olho, ele respondeu: “Nunca”.

Quando criança, sua mãe o pegou torturando um filhote de gato. Esse dia foi marcante para ele, afinal, a surra que levou da mãe doeu por dias. Aquela experiência de controlar a vida e a morte de um ser o deu várias ideias, foi como um gatilho, uma explosão em sua mente. De lá para cá, o sangue e o sofrimento faziam parte de sua vida, e o assassinato de seus protagonistas, ou melhor, suas protagonistas o deixava satisfeito, quase como aquele último espasmo após uma boa transa.

O telefone tocou. Otávio, do outro lado da linha, está curioso para saber qual o próximo número da famosa série literária “Psicopatas Urbanos”, criada

pelo escritor.

— *Bom dia, Renni, dormiu bem cara?*

— Consegui descansar.

— *Que bom! Agora me diz: quem você matou dessa vez?*

— A Mari; não tinha jeito, ela tinha que morrer, Otávio.

— *Porra, Renni. Tudo bem que a série é sobre assassinatos, mas precisa sempre matar mulher? Você sabe que já tem várias feministas, suas leitoras, reclamando na internet…*

— Ah, cara, que palhaçada. Deixa essa *merda* toda para lá. Acabo de pensar numa outra história: Uma mulher que é sequestrada pelo seu autor favorito. Que tal?

— *Bom, mas Stephen King já fez isso…*

— Não, ele fez o contrário. O escritor que é sequestrado pela leitora.

— *Verdade… Ok! Pensa bem aí e vai escrever, você anda atrasando muito a entrega dos originais. Só quer saber de ficar naquela cabana, sabe-se lá fazendo o quê.*

— Me deixa, Otávio, eu preciso passar um tempo afastado, você sabe que só funciono assim — resmungou, louco para terminar a ligação. A história nova estava pipocando na sua cabeça: ele precisava matar uma leitora!

***

Regina não suportava mais aquele sofrimento a qual estava sendo submetida, ela nem lembrava mais quando tinha começado. Mais um dia no cativeiro e mais uma vez ela esperava que fosse o último; se não aparecesse ninguém para salvá-la, que morresse logo. A morte estava valendo mais do que ficar viva, ultimamente.

Ela se tremeu toda ao ver a porta do subsolo imundo

abrindo-se, e novamente acabou por urinar-se ao ver aquela pessoa que ela tanto admirava descendo as escadas. Aquela visão já tinha se tornado constante, mas ela nunca se acostumaria com tal pavor, um medo tão profundo que deixava seu corpo inteiro elétrico e sua bexiga solta.

Romeu vinha calmamente pelas escadas, cantarolando uma música e passando a lâmina da faca que segurava pelo corrimão de ferro da escada. Aquele barulho era como uma gota gelada na espinha de Regina, deixando-a ainda mais apavorada.

Ele vinha para mais uma sessão, e ela não aguentava mais ser torturada pelo homem que ela tanto sonhou em conhecer, seu escritor favorito. Romeu Gastón era um dos mais famosos e bem-sucedidos escritores de suspense de sua época, trazendo consigo uma legião de fãs fiéis e tendo ganhado importantes prêmios, porém, o que ninguém sabia, era que ele tinha escolhido uma fã a dedo para pôr em prática toda a maldade que havia em sua cabeça.

— Bom dia, Regina, passou bem a noite? Tive várias ideias essa madrugada. Desculpa, mas vou precisar arrancar fora seus membros… — disse calmamente o escritor.

Aos gritos, Regina foi colocada sobre uma maca hospitalar, que ficava no centro do porão sujo e úmido. Romeu era um homem forte e jovem, ao contrário dela, uma belíssima ruiva, porém bem magra. Sem muita demora, Romeu aplicou em sua veia uma mistura que um amigo médico lhe tinha dado à base de morfina, relaxante muscular e um forte anestésico. Ele só possuía uma ampola desse coquetel e tinha custado muito caro, não poderia desperdiçar nem uma gota: Era agora ou nunca.

Com Regina apagada, ele enfim começou o seu trabalho minucioso. Primeiro de tudo, tirou delicadamente cada peça de roupa dela, deixando-a completamente despida sobre a maca. Observando o belíssimo físico da sua fã, Romeu passou delicadamente a ponta da faca sobre toda a pequena extensão do corpo dela. Sem saber muito bem por onde começar, pegou a serra e se encaminhou para os joelhos da sua vítima; com um

olhar amoroso, ele começou a serrar a perna esquerda da bela ruiva, sempre usando o bisturi elétrico para cauterizar a ferida e estancar o sangramento.

Romeu já tinha pesquisado sobre desmembramento para um livro anterior, e agora colocava tudo em prática. O osso era mais duro do que ele imaginava, por isso teve que colocar mais força para serrá-lo. Estava tudo uma bagunça, sangue sendo espirrado para todos os lados, mas Romeu estava cada vez mais satisfeito; aquilo estava lhe dando um prazer tão grande que ele começou a sentir, inclusive, uma ereção.

Após serrar completamente a perna esquerda, ele foi trabalhar na direita, da mesma forma: sangue por todos os lados e duas pernas jogadas no chão. Ele cauterizou e enfaixou os ferimentos; o coquetel que ele havia aplicado na jovem era bem forte, ela ainda tinha algumas horas de descanso.

Após seis horas, Regina acordou confortável em um belíssimo quarto todo branco, com grandes janelas de frente para uma mata.

— Onde estou? — ela questionou, com a língua enrolando dentro da boca.

— Você está em minha casa, minha linda, sente-se bem? — falou Romeu, segurando uma bandeja com um suco de laranja e uma linda rosa vermelha.

— O que aconteceu? Minha cabeça está muito confusa…

— Tente relaxar. Tome esse suco, você precisa se alimentar.

Regina, ainda muito confusa, tenta se sentar na cama, contudo sente um leve incômodo na parte inferior de seu corpo.

Ela solta um grito estridente quando vê que está sem as duas pernas.

***

O processo criativo de Rennier é bem rápido em relação a alguns outros autores. Ele é o tipo de escritor que pula de uma história para outra sem nem

pestanejar. Se durante a escrita de um livro surgir uma ideia que não casa com o livro que está sendo trabalhado, ele pula para um novo e trabalha nos dois consecutivamente. Por isso, enquanto Otávio estava esperando o "livro da Mari", Renni já tinha pulado para o da Regina, já estava com a cabeça fervilhando para outro. Seria a sua obra-prima, esse o faria ganhar o tão cobiçado Prêmio de Honra À Literatura Brasileira. Seria um trabalho difícil, desgastante, mas com certeza iria valer a pena. Dessa vez o livro não teria somente uma vítima, ele precisaria matar mais, ele mataria todas! E precisava urgentemente de mais espaço na cabana.

Uma das tarefas que ele mais odiava fazer era dar entrevistas, detestava ter que participar de feiras e eventos também, mas Otávio sempre conseguia convencê-lo de que ele deveria aparecer mais. Com isso, não teve como negar a participação em um evento literário na maior livraria do Rio de Janeiro; seria uma grande oportunidade de angariar mais fãs e, quem sabe, ele não avistaria uma ruivinha por lá.

O evento ocorria muito bem até chegar o momento das perguntas da plateia; ele simplesmente odiava isso. Para piorar a situação, vinha surgindo nas redes sociais e *blogs* um manifesto contra seus livros, que aparentemente eram acusados de misoginia e violência contra a mulher.

— *Oi, gostaria de saber, por que você só mata mulheres nos seus livros?* — perguntou uma jovem na plateia.

— Sabia que iam perguntar isso. Bem, eu sou um cara apaixonado pelas mulheres; vocês são a minha maior fonte de inspiração que eu tenho — disse, já cansado de responder sobre o mesmo assunto.

Uma outra mão levantou-se, e ele já imaginou que o assunto não iria parar por aí.

— *Boa tarde. Se as mulheres são sua inspiração, por que matá-las?* — perguntou outra mulher.

— Olha, gostaria de conversar sobre literatura. Eu não vim aqui para debater sobre minhas decisões artísticas…

Já percebendo que o escritor acabaria abandonando o palco, Otávio pegou o microfone e começou a agradecer a presença de todos, mas algo, ou melhor, alguém na plateia deixou Rennier de queixo caído. Uma bela ruiva de belíssimos cabelos cacheados se levantou e pediu para fazer uma pergunta. Na mesma hora ele apontou para ela e lhe foi passado o microfone.

— Olá, Rennier, sou uma grande fã. Gostaria de representar as mulheres que têm plena noção que você é um escritor de ficção e o melhor, por sinal. Quando teremos notícia de seu próximo livro? Estou ansiosa.

Surpreso com a fala da jovem, ele agradeceu, respondeu à pergunta da linda ruiva e, antes de terminar a apresentação, cochichou no ouvido de Otávio: *“Eu preciso dessa mulher!”*.

Com o número do telefone da jovem, que descobriu que se chamava Karen, ele fez uma rápida ligação e a convidou para um jantar, que foi prontamente aceito.

No fim de semana seguinte, Karen chegou em sua casa com uma pequena frasqueira. Ele tinha reservado um quarto para ela no hotel no centro da cidade onde morava, Teresópolis, mas iria fazer de tudo para conquistar aquela ruiva.

Assim que a campainha tocou, Rennier já estava pronto para atendê-la.

— Olá, Karen, estou muito feliz de poder conhecê-la melhor — disse o galanteador, já pensando naquela bela ruiva em sua cabana: eles se divertiriam bastante.

— Oi, Rennie… Eu ainda não acredito que fui convidada pelo próprio Rennier Castro para um jantar, será que eu *tô* sonhando? — disse Karen, meio envergonhada.

Os dois conversaram muito e se deram bem logo de início. Ele,

inclusive, tinha uma leve sensação de que já a conhecia, pois o seu delicado rosto lhe era familiar. Contudo, como ruivas faziam parte de sua vida, ele deixou essa sensação de lado e desfrutou a noite da melhor forma possível.

A noite estava apenas começando e, sentindo o momento propício para isso, Rennier a agarrou e lhe tascou um beijo na boca.

— Calma, querido, assim eu fico sem jeito — diz ela, constrangida.

— Desculpa, mas eu tenho que confessar que estou apaixonado por você.

— Como assim? Acabamos de nos conhecer!

— Eu não te disse que sou apaixonado pelas mulheres…?

Antes de terminar de falar, Rennier caiu no sofá, dormindo. O copo que estava em sua mão ainda havia o vestígio do pó que Karen colocou para que ele desmaiasse.

Quando acordou, no dia seguinte, o autor se sentiu acabado, como se tivesse tido aquela costumeira noite regada de bebida e cocaína. Ao virar para o outro lado da cama e dar de cara com Karen, nua e deitada ao seu lado, ele se sentiu-se o pior homem do mundo.

— Bom dia, meu anjo. Por favor, me diz o que aconteceu ontem. Eu acho que bebi muito…

— Bom dia, Renni. Sim, querido, você bebeu um pouquinho mais do que o normal, mas está tudo bem. Impressionante como você ainda teve fôlego para fazer tudo o que fizemos na cama — ela falou envergonhada, mas com uma malícia no canto da boca.

A cada dia que passava, Rennier ficava ainda mais encantado por Karen. Ele se sentia bem ao seu lado, e chegou inclusive a cogitar a possibilidade de não a levar para a cabana, mas não havia outro jeito: a cabana o chamava.

A cabana precisava dela, mais um livro precisava ser escrito.

Ela decidiu esticar um pouco mais a viagem, ficando mais alguns dias na casa do autor. Enquanto ele pensou sobre o que fazer com o desejo conturbado de levá-la à cabana, ela planejou outras técnicas para fazê-lo dormir, pois ainda tinha muito trabalho a fazer.

Secretamente, Rennier começou a escrever seu próximo livro.

***

Karen era linda, tudo que Gustavo sempre quis. Era uma mulher esperta e inteligente, adjetivos importantes, que ele sempre sonhou em uma noiva. O dia em que noivaram foi o mais feliz de sua vida.

Gustavo sempre achou que não a merecia, que ela era muito para ele, mas ela sempre deixou claro que o amava e não se poupava declarações. Ele era tão apaixonado por ela, que muitas vezes se pegava pensando em matá-la, só para que ela ficasse eternamente com ele. Seu egoísmo muitas vezes o assustava, assim como seu ciúme.

Gustavo era um jovem bonito também, mas nada que se comparasse com sua noiva. Ele era inteligente, mas nada que se comparasse com sua noiva. Gustavo era bem-sucedido em sua vida profissional, mas novamente, nada comparado a Karen. Com tudo isso, ele não passava um dia que fosse sem criar uma neura diferente, desde que ela iria abandoná-lo por alguém mais interessante até a de que ela iria embora para outro país ocupar um lugar importante na empresa que trabalhava.

Com o casamento cada dia mais perto, num fatídico dia de domingo enquanto ele pensava sobre o casamento, Karen disse:

— Gustavo, não seria melhor deixar o casamento um pouco mais para a frente?

Nesse minuto, Gustavo constatou: ela tem outro. Mas demonstrando uma calma que lutava para conseguir, ele respondeu:

— Por que você está falando isso, meu amor?

— Eu só acho que fomos um pouco precipitados, podemos continuar mais tempo noivos, e deixamos o casamento mais para frente. Vamos curtir mais um pouco da vida, vamos viajar…

— Mas Karen, quanto mais a gente demorar para casar, mais vamos demorar para ter filhos!

— Filhos? Como assim, Gustavo? Eu não pretendo ter filhos tão cedo, isso se eu tiver algum dia na vida!

O mundo de Gustavo ruiu. Nesse momento, seu frágil castelo de areia desmoronou na sua frente, deixando-o sem reação. Ele idealizou tudo em sua mente: um belo casamento na praia somente com os familiares e amigos mais próximos, uma bela e confortável casa e três, igualmente belos, filhos. De preferência dois meninos e uma menininha, que seria a sua princesinha. Para ele, com essa exata fala, Karen despedaçou todos os seus sonhos, deixando-o como um idiota sonhador.

Sem pensar na consequência, Gustavo se levanta vidrado de ódio e, sem mais conversa, agarra Karen pelo braço e grita com ela:

— Como é, Karen? Nós vamos ter filhos, sim! Nós vamos casar na praia e teremos 3 filhos, entendeu?

— Para, Gustavo, você está me machucando! Está louco? Que história é essa de casar na praia? Que história é essa de ter 3 filhos? Você tá viajando!

Gustavo parte para cima de Karen sem piedade. Primeiro ele a arremessa contra a parede com toda a força e, logo depois, dá-lhe um soco na cara, quebrando seu lindo e fino nariz. Caída no chão, confusa com tudo que aconteceu, Karen começa a gritar por ajuda, mas o problema é que eles estão em uma cabana afastada, onde foram passar o fim de semana de folga.

— Pode gritar à vontade, meu amor, ninguém vai te escutar. Estamos completamente isolados do mundo nessa cabana.

— Eu te odeio, seu desgraçado, nunca que iria me casar com um filho da puta como você! — grita.

— Se você acha que nunca será minha está muito enganada

Após isso, Gustavo vai até a cozinha e volta à sala com uma

enorme faca de carne na mão. Sem se importar com seus gritos, ele corta sua cabeça fora. Agora ele tem um troféu, a cabeça da sua amada. Karen será para sempre sua!

***

Mais uma noite com um belíssimo jantar na mesa; eles estavam tendo um agradável momento juntos.

Enquanto ele buscou os guardanapos na cozinha, Karen colocou o pozinho na bebida dele; ela já estava lá há uma semana, e ainda não descobriu nada. Ela sabia de tudo que ele havia feito, mas aparentemente não deixou nenhuma pista em lugar nenhum. Após o brinde, Rennier deu uma grande golada no vinho e, minutos depois, estava caído no sofá.

Karen saiu mais uma vez em busca de alguma pista que ele tivesse deixado pela casa, qualquer fiapo de informação já valeria.

Ao chegar ao escritório, onde ele escrevia seus livros, ela pegou o primeiro maço de folhas que estava sobre a mesa. Parecia ser um livro novo, e estava prestes a colocá-lo no lugar quando um nome lhe chamou atenção: Karen. Ela começou a ler, e sentiu um frio na espinha ao ouvir algo sussurrado em seu ouvido: “Você é a próxima”.

No dia seguinte, Rennier acordou novamente com a estranha sensação de ressaca, e começou a perceber que tinha algo estranho acontecendo. Se ele não lembrava que tinha bebido tanto, como das outras vezes, como podia acordar derrotado? Alguma coisa estava acontecendo e ele deveria agir rápido.

Durante o café da manhã, ele fez um convite:

— Meu amor, eu tenho uma linda cabana um pouco mais afastada, vamos passar uns dias lá?

Ao se lembrar da cabana na história dele, ela respondeu:

— Claro, Renni, faço tudo o que você quiser.

Cada um com seu plano em mente, eles arrumaram suas coisas, colocaram no carro e rumaram para o interior, onde ficava a cabana isolada.

Chegando no local, Karen entrou apreensiva. Durante anos ela vinha treinando para esse momento. Havia feito milhares de aulas de defesa pessoal, treinamento de tiro e muito mais, mas nada se comparou com a real sensação de finalmente estar onde estava e com quem estava. A sua vingança estava prestes a começar, em memória de sua mãe.

O lugar era realmente bem afastado, ela ficava a, no mínimo, meia hora de distância do posto de gasolina mais perto. Não havia vizinhos, não tinha nada. Somente uma cabana sozinha no meio da mata.

Karen observou tudo com muito cuidado, e já esperou ser atacada a qualquer momento.

— Vamos tomar um vinho, meu amor? — ela perguntou, apalpando o pequeno frasco com o remédio para dormir no bolso.

— Não, desculpa, mas não estou muito a fim, que tal irmos para a cama? Quero te mostrar uma coisa. — Rennier imaginou que ela estivesse adulterando sua bebida, isso explicava aquela sensação de ressaca sempre que acordava, por isso negou.

A tensão cresceu dentro da cabana, o ar pareceu eletrizado, soltando faíscas.

Ao chegar ao quarto, Karen se deparou com um ambiente aconchegante. Porém, antes mesmo de sentar na cama, Rennier a segurou por trás e cobriu seu rosto com um pano embebido com alguma substância e, mesmo lutando contra, ela caiu em um sono profundo.

Aos poucos, ela foi acordando, com a cabeça confusa e sem saber onde estava, Karen balbuciou:

— Onde estou? O que está acontecendo? Que lugar é esse?

Assim que recuperou a consciência, ela viu que estava amarrada em uma cadeira de ferro chumbada no chão. O local era horrível, fedorento, bolorento, parecia o subsolo de algum lugar, provavelmente da cabana. Ela escutou um barulho vindo de um canto e, quando reparou, era Rennier vindo em sua direção.

— A minha princesa acordou! Que bom! Odeio brincar de boneca, eu gosto quando vocês estão assim, acordadas! Principalmente porque assim gritam bastante, e eu amo ouvir os berros! — ele falou, com uma pequena faca na mão.

— Seu desgraçado! Eu sabia! — gritou Karen, revoltada.

— Já está gritando? Mas o show nem começou. A minha Karen perde a cabeça só no final, você está se antecipando demais.

— Mas eu não sou sua Karen, seu *filho da puta*! — E deu uma cusparada na cara dele.

Limpou o rosto com a mão e lambeu o cuspe da sua ruiva. Rennier deferiu um forte tapa no rosto dela, deixando sua face, antes branquinha, toda avermelhada e cheia de pontos de sangue.

— Como pode ver, você não é a única no meu coração. Aquela tristinha, ali no canto, é a Regina, ela só está assim porque eu cortei suas pernas, ela é tão bobinha, uma coisinha dessa de nada… infelizmente, a Mari ali, não resistiu, vou ter que me livrar do corpo dela daqui a pouco. Aqui é fácil, é só deixar no meio da mata que os lobos guarás vêm buscar — disse, esfregando as mãos em êxtase.

Enquanto ele mexia nos utensílios, que iria usar para pôr sua história em prática, Karen ficou tentando soltar-se da cadeira, mas estava presa por algemas. Ela reparou em Regina no canto do *“quarto”*, praticamente em estado catatônico. Uma mulher acabada, dolorida, machucada e sem as duas pernas, era uma visão triste. E olhou para Mari, somente um corpo coberto

por um lençol, mas algo estava estranho, pois a mulher debaixo do lençol se mexeu lentamente; ela não estava morta. Karen ainda tinha chances de se soltar e, com certeza, mataria Rennier.

— Minha linda, Karen, agora vamos ao que irei fazer com você: primeiro, irei tirar toda a sua roupa e te deixarei nua! Nua e linda como você é. Depois, irei te amarrar naquela cama; não adiantar gritar, nem espernear. E só então vou brincar com você. No final? Surpresa, meu amor… — falou, cutucando Karen com a faca, deixando pequenas marquinhas na pele, de onde brotavam gotas de sangue.

Assim que ele abriu as algemas de Karen, ela lhe deu uma forte cabeçada no nariz, estraçalhando-o. Ele não imaginou que ela estivesse preparada para aquele momento.

— Seu desgraçado, eu vou te matar agora. Você vai se arrepender de ter matado a minha mãe há seis anos e todas essas mulheres! Minha mãe se chamava Lúcia, e foi um *best-seller*. Quantas mulheres morreram para você vender seus malditos livros, seu desgraçado? — Karen correu até ele e desferiu um forte chute no estômago, fazendo-o cambalear e cair no chão. Mas ela não tinha visto que ele tinha pegado uma chave de rosca, que estava no chão e a atingiu no rosto, fazendo ela cair tonta no chão.

Rennier se postou sobre ela, ambos com rostos sangrando. Ele começou a beijá-la e acariciar seu rosto, mas levantou a pequena faca e, quando ia enterrar no peito de Karen, de repente ele levou uma machadada na cabeça, tão forte que seu crânio partiu ao meio.

Jogando o corpo dele para o lado, para se livrar daquele cretino, Karen recuperou um pouco de força e avistou Mari, nua, suja e cheia de hematomas, chorando com o machado sujo de sangue nas mãos.

Hoje, as três; Mari, Regina e Karen são conhecidas como as sobreviventes do maníaco Rennier Castro. O famoso e respeitado escritor era

também um assassino sanguinário, que não poupava suas vítimas e estampava seus crimes com riquezas de detalhes em seus livros para todo mundo ver, sem que jamais reparassem; somente Karen e, graças a tão providencial ajuda de Mari, Rennier finalmente estava morto.

Agradecimentos

Pode parecer estranho, mas essa é uma das partes mais difíceis do processo da escrita. A ideia de esquecer alguém importante nesse momento me mata, mas vamos lá.

Essa história não teria sido escrita se não fosse minha Assessora Mari Vieira, pessoa mais que importante para a minha vida de autor.

Meu irmão Saulo, cunhado Walter, amigas e parceiras Sissi Freire, Mari Monni, Day (@lendo1bomlivro), Regina (@acervo_da_caipora) e meu ídolo Patrick Correa, vocês foram cruciais para tudo isso. Obrigado de coração.

E claro, meus grandes amores Luciana e Valentina. Vocês são tudo para mim!

Também não posso esquecer, você querido (a) leitor (a), que deu uma chance para minha história, meu muito obrigado.

Conheça o Autor

Vitor Silos, é carioca, geólogo por profissão e escritor por coração.

Apaixonado por terror/horror desde criança, sempre escreveu pequenas histórias assombrosas até ter coragem de mostrar para alguém.

Leitor voraz e apaixonado por Stephen King, séries e filmes, vive e respira histórias de assombração, demônios, vampiros e outros seres malignos.

Siga o autor @vitus_livrus.